HOT news 15

BOLETIM INFORMATIVO OFICIAL HOT CLUBE PORTUGAL / SETEMBRO 2019

NOS BASTIDORES DE UMA AVENTURA FELIZ
ANGRAJAZZ X 3 - FESTIVAL, ASSOCIAÇÃO & ORQUESTRA
ENTREVISTA COM JOSÉ RIBEIRO PINTO E MIGUEL CUNHA

10 ANOS DE DIRECÇÃO PEDAGÓGICA
BRUNO SANTOS

BIG BAND JÚNIOR ABRAÇA SASSETTI
JOÃO GODINHO E ALEXANDRA ÁVILA TRINDADE

HOT CLUB DE LYON
BARBARA RIBEIRO E JONATHAN LECOINTRE

CRONOLOGIA HCP
1945 - 1950

MODULAÇÃO MÉTRICA NO JAZZ
JORGE MONIZ

HOTCLUBPORTUGAL

2 SESSÕES ÀS 22H30 E 00H
ABERTO DAS 22H ÀS 2H
FECHADO DOMINGOS E SEGUNDAS
PRAÇA DA ALEGRIA, 48 1250-004 LISBOA
WWW.HCP.PT / HCP@HCP.PT

ENCERRADO DE 1 A 11 SET

SET.

12,13,14
QUINTA A SÁBADO
PAULO SANTO QUINTETO
LUÍS CUNHA tp
JOÃO MORTÁGUA sax a
PAULO SANTO vibrafone
FRANCISCO BRITO ctb
JOÃO PEREIRA bat (dias 12,13)
JOÃO RIJO bat (dia 14)

18
QUARTA
CLÁUDIO ALVES & GONÇALO SOUSA
Pela Rua Fora
GONÇALO SOUSA harmónica
CLÁUDIO ALVES guitar; voz

19, 20, 21
QUINTA A SÁBADO
CINE QUA NON
PAULA SOUSA pno
AFONSO PAIS guitar
JOÃO PAULO E. SILVA acordeão
MÁRIO FRANCO ctb

25
QUARTA
MATTEO BORTONE
ClarOscuro
ENRICO ZANISI pno
MATTEO BORTONE ctb; comp.
STEFANO TAMBORRINO bat

26, 27
QUINTA E SEXTA
J.P.E.SILVA / BARRETTO / FRAZÃO
JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA pno
CARLOS BARRETTO ctb
ALEXANDRE FRAZÃO bat

28
SÁBADO
JOÃO ESPADINHA SEXTETO
LUÍS CUNHA tp
DESIDÉRIO LÁZARO sax ten
JOÃO ESPADINHA guitar
JOÃO P. COELHO pno
FRANCISCO BRITO ctb
JOÃO SOUSA bat
+ MARIANA NUNES voz

17, 24 SET
TERÇAS-FEIRAS
JAM-SESSION
Entrada Livre
JAM-SESSION COM
JOÃO LOPES PEREIRA bat

OUT.

2
QUARTA
ROQUE
JOÃO ROQUE guitar; comp.
JOÃO CAPINHA saxs; cl bx
XICO SANTOS ctb
JOÃO RIJO bat

3
QUINTA
MIGUEL ZENÓN QUARTET
Sonero: The Music of Ismael Rivera
MIGUEL ZENÓN sax alto
LUIS PERDOMO piano
HANS GLAWISCHNIG ctb
HENRY COLE bat
colaboração: Festival AngraJazz 2019

4
SEXTA
KJETIL MULELID TRIO
KJETIL A. MULELID piano
BJØRN MARIUS HEGGE ctb
ANDREAS WINTHER bat
"What You Thought Was Home"

5
SÁBADO
FRANK KIMBROUGH
Monk's Dream
SCOTT ROBINSON saxs
FRANK KIMBROUGH piano
RUFUS REID ctb
BILLY DRUMMOND bat
colaboração: Festival AngraJazz 2019

8, 9, 15
ENTRADA LIVRE
HISTÓRIAS DE JAZZ EM PORTUGAL
ZÉ EDUARDO ctb
JOÃO PAULO E. SILVA piano (dia 8)
+ convidados

NELSON CASCAIS ctb (dia 9)
+ convidados

ANDRÉ SOUSA MACHADO bat (dia 15)
+ convidados

10, 11, 12
QUINTA A SÁBADO
CÉSAR CARDOSO ENSEMBLE
CÉSAR CARDOSO sax t ; arranjos
JOSÉ SOARES sax a
JASON PALMER tp
MASSIMO MORGANTI tb
JEFFERY DAVIS vibrafone
ÓSCAR M. GRAÇA piano
DEMIAN CABAUD ctb
MARCOS CAVALEIRO bat

edit

abrir as portas e deixar entrar outros ventos

Quando olho para trás, para tudo o que conseguimos fazer em 2018, tenho um orgulho enorme nesta equipa esforçada, reduzidíssima, persistente e coesa, verdadeira amante do jazz do Hot. Da semana inteira de celebrações – dos Brunches ao Kids Can, passando pela HotNews e pelos discos editados – é impressionante aquilo que se faz quando se quer.

Tínhamos decidido que íamos "gabar-nos" dos nossos 70 anos de vida. Queríamos que quem nunca ouviu falar de nós ficasse curioso e nos procurasse e fosse ver quem somos e o que fazemos. E se deixasse levar pela música.
Na sequência dessa vontade, esta HotNews, agora com os pés mais assentes na terra, chamou outros protagonistas, outras pessoas que se cruzam com o Hot e pediu-lhes para nos dizerem, de uma maneira ou de outra, como olham para o Hot, para o jazz, ou o que fazem para dar a ouvir a sua música.
No fundo quisemos abrir as portas e deixar entrar outros ventos, a ver se percebemos melhor o que é que nos falta fazer.

Porque tudo o que acontece é porque nos juntamos e o fazemos acontecer. Como sempre acontece no Hot.

Esta HotNews conta ainda com uma nova rúbrica com a contribuição fundamental do Eng.º Bernardo Moreira, que pretende contextualizar historicamente a actividade do Hot desde o seu início. A nossa intenção é que se mantenha nos próximos números.

Inês Homem Cunha

índice

4
NOS BASTIDORES DE UMA AVENTURA FELIZ
ANGRAJAZZ X 3 – FESTIVAL, ASSOCIAÇÃO & ORQUESTRA

10
HOT CLUB DE LYON
O CLUBE DE JAZZ MAIS ANTIGO DE FRANÇA

11
COLECÇÃO ANTÓNIO RÚBIO
NÚCLEO MUSEOLÓGICO

12
10 ANOS DE DIRECÇÃO PEDAGÓGICA

14
MODULAÇÃO MÉTRICA NO JAZZ
TEXTO TÉCNICO

16
BIG BAND JÚNIOR ABRAÇA SASSETTI
LABEL HCP

17
OUTRAS EDIÇÕES DA LABEL HCP

18
BILHETE DE IDENTIDADE
PAULO GIL

19
HOTNEWS 70

22
OIÇAM LÁ ISTO
AS ESCOLHAS DE...

21
POST-IT
MEMÓRIAS DO HCP

22
CRONOLOGIA HCP
1945 - 1950

HOTnews **15**
SETEMBRO 2019

Direcção Inês Cunha / **Colaboram neste número** Inês Cunha, António Curvelo, José Ribeiro Pinto, Miguel Cunha, Bruno Santos, Jorge Moniz, João Godinho, Alexandra Ávila Trindade, Barbara Ribeiro, Jonathan Lecointre, Inês Matos, Luís Dias, António Mega Ferreira, Bernardo Martins Moreira, Leonel Santos / **Design gráfico / paginação** © HOTdog / **Capa** Concerto de lançamento do CD *BBJ abraça Sassetti* no Hot Clube © Carlos Reis / **Produção** Luis Guilherme Cunha **HOT CLUBE DE PORTUGAL** Presidente da Mesa da Assembleia Geral Bernardo Moreira / **Presidente do Conselho Directivo** Inês Cunha / **Presidente do Conselho Fiscal** José Sousa Soares / **SEDE** Praça da Alegria, 48, 1250-004 Lisboa / Tel 213 460 305 — **ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS-BOAS** Director pedagógico Bruno Santos **MORADA** Travessa da Galé, n.º 36, 1.º andar, 1300-263 Lisboa / Tel 213 619 740 / Fax 213 619 748

A HOTNEWS É ESCRITA DE ACORDO COM A ANTIGA ORTOGRAFIA OU DE ACORDO COM A OPÇÃO DE CADA AUTOR.
A INFORMAÇÃO E COMENTÁRIOS INCLUÍDOS NOS CONTEÚDOS DESTA PUBLICAÇÃO SÃO DA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES.

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA
PRÉMIO ALMADA NEGREIROS 2001
MEDALHA DE MÉRITO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA CULTURA
MEDALHA DE HONRA DA CIDADE DE LISBOA
MEDALHA DE HONRA DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES
MEMBRO FUNDADOR DA INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOLS OF JAZZ

HOTNEWS É O BOLETIM INFORMATIVO OFICIAL DO HOT CLUBE PORTUGAL

WWW.HCP.PT
HCP@HCP.PT
WWW.FACEBOOK.COM/HOTCLUBEDEPORTUGAL

NOS BASTIDORES DE UMA AVENTURA FELIZ

ANGRAJAZZ X 3 – FESTIVAL, ASSOCIAÇÃO & ORQUESTRA

ENTREVISTA COM JOSÉ RIBEIRO PINTO E MIGUEL CUNHA

António Curvelo

Desde 1999 no calendário açoreano Outubro é mês de jazz ou, com mais rigor, do Angrajazz, o festival que acabou com o isolamento da Terceira e do arquipélago face ao circuito jazzístico nacional. Até então, o jazz aportara várias vezes a Angra, mas nunca de forma sistemática e continuada, como acontece hoje: há mais de 20 anos que as Lajes já se habituaram a receber regularmente grandes nomes que a história do jazz, internacional e nacional, trata por tu.

Hot News resolveu espreitar não o palco "do" Angrajazz mas os bastidores de outro Angrajazz: a Associação Cultural Angrajazz, sem a qual o Festival não estaria este ano a festejar o 21º aniversário. Aproveitando a presença em Lisboa de dois dos fundadores do Festival e directores da Associação – José Ribeiro Pinto e Miguel Cunha – sentámo-nos à mesa e levámos o gravador.

EM 2016 A ORQUESTRA ANGRAJAZZ TOCOU A SUA COROA DE LOUROS: A ESTREIA EM PORTUGAL DA VERSÃO INTEGRAL DA *FAR EAST SUITE* DE DUKE ELLINGTON.
© FOTO JORGE MONJARDINO

À VELHA MANEIRA DO JAZZ EM PORTUGAL

Em 1999 foi tudo à velha maneira do jazz em Portugal: um grupo de quatro amigos (José Ribeiro Pinto, Miguel Cunha, Bruno Ferreira e João Pedro Mont'Alverne), que entre outras afinidades tinham o jazz a juntá-los, agarraram com as oito mãos uma "dica" do presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo e do Secretário Regional de Economia: *que tal fazer um festival de jazz a sério, com caracter permanente?* Bem dito, melhor feito – ou não fosse o jazz em Portugal uma corrente de muitas e teimosas paixões e militâncias.
Após muitas reuniões, os quatro mosqueteiros abriam as portas do primeiro Angrajazz – Festival Internacional de Jazz de Angra do Heroísmo. Um ano depois, o Festival arranjou um pai: a Associação Cultural Angrajazz, entidade sem fins lucrativos criada por questões logísticas, para melhor lidar com as teias legais e burocráticas dos apoios financeiros e patrocínios, públicos & privados, sem os quais não teria havido o 1º festival quanto mais os 19 seguintes...

Como foi a vida dos primeiros anos dos dois Angrajazz, Festival e Associação?

JOSÉ RIBEIRO PINTO [JRP] O 1º festival, suportado e co-produzido pela Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, correu muitíssimo bem, teve um grande sucesso e despertou muito entusiasmo, a começar pelo Director Regional da Cultura: *para o ano vocês têm de fazer outro e eu comprometo-me com um apoio da DRC de seis mil contos!* Isto chegou naturalmente à imprensa e levantou algumas vozes contra, talvez pelo imediatismo do entusiástico reconhecimento por parte das entidades regionais e do público em geral, dizendo que a Câmara não poderia receber dinheiro da DRC, etc, etc, etc…. E daí nasceu a Associação que passou a propor/candidatar à CM e à DR da Cultura a realização do Festival. O que aconteceu logo na segunda edição, em 2000.

Desde então o festival é uma organização da Associação e da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo. De que entidades públicas têm recebido apoios?

MIGUEL CUNHA [MC] Da CM, do Governo Regional, através das Secretarias Regionais da Educação e da Economia (actualmente Energia, Ambiente e Turismo), e mais recentemente do Turismo de Portugal.

UM PROBLEMA ACRESCIDO

Em relação aos festivais do continente, o Angrajazz tem um problema acrescido que são os custos das passagens aéreas.

[MC] Além das viagens, temos maiores despesas com as estadias. Como há um maior risco de cancelamento de voos por questões meteorológicas, os músicos viajam sempre de véspera.

[JRP] Nos dois primeiros anos, para pouparmos, os músicos vinham no próprio dia do concerto, como é hábito nos festivais. Mas na 2ª edição, o Frank Morgan que vinha de Paris atrasou-se por causa de uma greve em Orly e perdeu o voo de Lisboa para Angra. Tivemos de trazê-lo via Ponta Delgada, onde chegou quase à hora do concerto. Por sorte, um dos nossos patrocinadores tinha um avião privado e pô-lo à nossa disposição. Quando o Frank Morgan chegou às Lajes, veio de táxi directo para o palco, onde entrou com uma T-shirt do festival e, por ironia, assinou um dos melhores concertos da história do Angrajazz. Ficámos vacinados… desde então os músicos vêm sempre um dia antes do concerto.

[MC] Uma condição que nos puseram e que aceitámos foi que o Angrajazz não fosse na época alta, escolhemos Outubro. Mas Outubro fica fora do calendário habitual das digressões europeias dos músicos americanos, que costumam fazer o Verão e depois voltam no Inverno. O que faz aumentar os preços das viagens, directamente dos EUA para Angra, via Lisboa. Os músicos vêm a Angra para um concerto e voltam logo para a América. E mesmo em relação aos músicos americanos que estão em digressão na Europa, o custo das viagens é maior. Porque têm sempre de ir a Lisboa para regressarem. Se quisermos trazer um músico que no dia seguinte ao concerto de Angra tenha outro, por exemplo, em Nancy, não é possível pô-lo lá nesse mesmo dia… Temos tentado mas não tem sido fácil arranjar outros concertos no continente, pelo menos um, o que faria baixar um pouco os nossos encargos.

Por absurdo que pareça, esse problema é antigo. Muitos casos houve em que um grande nome americano vinha tocar em Lisboa e não se conseguia arranjar outra sala no Porto… e vice-versa. Excepcionalmente recordo algumas vezes em que depois de um concerto no Angrajazz se conseguiu fazer outro no continente, por exemplo no ex-Festival da Alta Extremadura ou no Hot Clube. Hot onde, aliás, este ano teremos dois grupos vindos directamente do Angrajazz: o novo projecto de Frank Kimbrough a tocar a obra de Monk e o quarteto de Miguel Zenon.
Voltando às viagens: têm apoios da TAP e SATA?

[JRP] Tínhamos habitualmente um apoio da TAP mas acabou este ano.

Sabem porquê?

[MC] Alegadamente por estratégia empresarial…

E têm algum outro apoio para as viagens?

[JRP] Não. O que tentamos fazer é contratar os músicos o mais cedo possível, para podermos comprar passagens também o mais cedo possível e beneficiarmos dos preços mais baixos.

PÚBLICO DE FESTIVAL OU PÚBLICO DE JAZZ?

Tal como sucede com muitos outros festivais em Portugal, o Angrajazz tem hoje um público certo. Mas a experiência desses festivais faz duvidar de que esse mesmo público diga presente quando se organizam outros concertos, fora do Festival. É assim?

[JRP] infelizmente temos essa experiência e desde logo com o Dia Internacional do Jazz que começámos a celebrar há três anos – e temos menos de metade do público do Angrajazz.

[MC] A verdade é que muitas vezes na rua as pessoas dizem-nos que é uma pena que só se faça o Festival: *porque é que não fazem mais coisas ao longo do ano?* Mas quando fazemos não aparecem…

Isso sugere outra questão. Desde a primeira hora, o Angrajazz promoveu acções (workshops, conferências, exposições, a criação da Orquestra Angrajazz, etc) visando não só divulgar a música mas tentando, também, ajudar a criar um público de jazz. E recentemente, aproveitando a presença de músicos do continente, lançou um projecto de "jazz na rua", distribuído por vários espaços públicos (Biblioteca, cafés, bares, esplanadas) com entrada livre. Qual a receptividade?

[MC] Temos tido uma boa aceitação. Os concertos são programados durante a semana, para dar um certo "cheiro" a festival, em diversos espaços e por regra às 18h00, quando as pessoas estão a sair do emprego, param um bocado, bebem um copo, ouvem música… E é também uma oportunidade para grupos locais, que começam a aparecer, se mostrarem e serem ouvidos por um público diferente do que têm durante o ano. Tem sido uma experiência bastante proveitosa e que nasceu de um desafio que nos foi feito, em 2017, pela Direcção Regional da Cultura visando criar uma programação que alargasse o âmbito do Festival, trazendo-o para a rua e aproximando-o mais da cidade.

E quanto às acções de formação promovidas pelo Angrajazz?

[MC] Essa foi sempre uma preocupação nossa, porque não fazia sentido fazer o Festival e as coisas ficarem por aí. O resultado mais importante e visível é, naturalmente, a criação da Orquestra Angrajazz (que se estreou logo em 2002), mas convém recordar que desde os primeiros anos fizemos acções de formação abertas, dirigidas por músicos portugueses e estrangeiros (Kenny Werner, por exemplo). Mas chegámos à conclusão de que fazer uma ou duas horas de formação com músicos que não tocam jazz não era produtivo, não era comparável às mesmas duas horas com músicos para os quais o jazz já não fosse uma linguagem totalmente desconhecida. Foi daí que nasceu a ideia da Orquestra, um trabalho continuado, para dar frutos a médio/longo prazo.

É CLARO QUE HÁ UM GRANDE AUMENTO DO PÚBLICO DE JAZZ, NÃO SÓ NA TERCEIRA COMO COMEÇA, TAMBÉM, A HAVER NAS OUTRAS ILHAS. NO ENTANTO NÃO SE PODE ESCONDER QUE À VOLTA DO ANGRAJAZZ HÁ, NATURALMENTE, UMA COMPONENTE SOCIAL, QUE EM MUITOS CASOS SUBALTERNIZA A MÚSICA.

DOIS DIRECTORES ARTÍSTICOS PRESTIGIADOS

Orquestra que teve desde o início dois directores artísticos prestigiados.

[JRP] Exacto. Pedro Moreira e Claus Nymark que, alternadamente, vão a Angra todos os meses trabalhar com a Orquestra durante um fim de semana (6ª à noite, sábado e domingo), desenvolvendo a tal acção de formação e criando um repertório diversificado e de crescente dificuldade, como se tem ouvido anualmente no Festival. É um projecto aberto a que qualquer músico pode aderir e que tem um efeito reprodutor, injectando regularmente sangue novo nos vários naipes.

Salvo erro, a Orquestra Angrajazz é um caso inédito entre nós. No Matosinhos em Jazz, a CM chamou para o seu festival uma orquestra já existente, a Héritage Big Band, rebaptizou-a e passou a apoiá-la de uma forma também inédita, experiência que deu origem à Orquestra de Jazz de Matosinhos, dirigida por Pedro Guedes e Carlos Azevedo, e que se tornou um colectivo musical de projecção internacional. E o Guimarães Jazz convidou, durante anos, um director musical de renome (Kenny Wheeler, Maria Schneider, entre outros) para dirigir uma orquestra que reunia muitos dos melhores jazzmen nacionais e alguns nomes europeus, escolhidos conforme as necessidades instrumentais de cada projecto. Mas uma orquestra criada de raiz, no seio de um festival, essa é uma conquista singular do Angrajazz… Orquestra cujos músicos foram recrutados no seio das muitas filarmónicas da Terceira…

[MC] Exactamente. Colocámos um anúncio no Diário Insular, divulgando a realização de audições para a formação de uma orquestra de jazz. O recrutamento foi restrito à Terceira por duas razões: porque o alargamento a outras ilhas implicaria custos incomportáveis de viagens e porque essa dispersão dificultaria muito a continuidade do trabalho, com os ensaios regulares, workshops, etc.

[JRP] Outro aspecto fundamental é o facto de a Orquestra funcionar o ano inteiro, graças a um específico e forte patrocínio da CM, independente do apoio que dá ao Festival, e a outro patrocino privado. Em contrapartida a Orquestra tem de oferecer dois ou três concertos à Câmara, um dos quais, já é tradicional, durante as Festas Sanjoaninas. Para esse concerto e para a apresentação no Festival, onde estreia sempre um projecto novo, ambos os directores trabalham com a Orquestra durante cerca de uma semana.

Tem havido grande rotação dos membros da Orquestra?

[JRP] Há um núcleo duro, maioritário, que se tem mantido.

[MC] Até porque há certos instrumentos, bateria, contrabaixo, piano, em que a área de recrutamento é pequena. Nos instrumentos de sopro os próprios membros da orquestra, que pertencem às filarmónicas ou são professores no Conservatório, estão atentos e sempre que possível fazem "pesca à linha"… Mas a verdade é que não há a renovação que desejaríamos. Aliás, estamos a fazer uma experiência que acreditamos será útil: temos feito alguns ensaios nas filarmónicas locais para sensibilizar alguns dos seus músicos para o jazz, uma linguagem que não conhecem. E isso tem tido alguns resultados, à nossa pequena escala, é claro… E este ano estamos já a trabalhar com uma orquestra juvenil, miúdos de 12, 13, 14 anos, que temos esperança de poder lançar no concerto de Natal. O Pedro e o Claus têm trabalhado com eles e esperamos poder vir a ter ali uma pequena "reserva" de futuros membros da Orquestra Angrajazz.

CUSTOS DA INSULARIDADE…

A Orquestra enfrenta, inevitavelmente, um problema "insular", isto é, a falta de contacto regular com músicos nacionais e estrangeiros, cujo convívio musical e pessoal seria um estímulo precioso… É difícil lidar com isso?

[JRP] Não é fácil. Apesar das limitações do referido trabalho mensal, aconteceu recentemente um episódio muito curioso. Uma pessoa, que até não vai ao Festival, resolveu convidar o George Garzone para fazer uma acção de formação na Praia da Vitória e curiosamente a grande maioria dos formandos era da Orquestra Angrajazz e aquilo foi um sucesso enorme. Os nossos músicos sentem, de facto, essa necessidade de aprender e de tocar mais e mais e mais…

Ultimamente assiste-se a um fenómeno clássico da história das big bands: o nascimento de pequenas formações dentro da banda, que podem ter um efeito reprodutor…

[JRP] É verdade, neste momento já existem três formações com actividade regular, saídas da Orquestra Angrajazz.

A ARITMÉTICA DOS APOIOS

Voltemos aos apoios, públicos e privados, que permitem realizar o Festival. Comecemos pelas entidades públicas: a consolidação e o prestígio conquistado pelo Angrajazz foram acompanhados pelo reforço dos apoios?

[JRP] Os apoios têm variado. Mas houve uma altura em que chegaram a diminuir, o que nos levou a chamar a atenção para a contradição de o evento cultural mais prestigiado e participado da Terceira (juntamente com o Festival Internacional de Folclore e, claro, das Festas Sanjoaninas, que têm outra natureza e âmbito popular) à medida que se afirmava ver os apoios reduzidos. E a situação alterou-se um pouco para melhor.

Conhecida a péssima tradição das nossas Administrações de pagar tarde e a más horas, será que a Associação e o Festival estão imunes a esse purgatório?

[MC] Esse problema existe, não só a nível de pagamento mas também de decisão e essa é uma das grandes dificuldades da organização do Angrajazz. Fechar o cartaz do Festival cedo, como nós pretendemos – até para conseguimos melhores condições, de cachets, viagens e até de disponibilidade dos músicos – nem sempre é fácil, uma vez que sem sabermos os montantes com que podemos contar não vamos, naturalmente, assinar contratos…

Quer em número quer em montantes, ao longo dos 21 anos que leva o Festival, os patrocinadores privados aumentaram, mantiveram-se ou diminuíram?

[JRP] Diminuíram em número e montantes. No início houve bastantes apoios, designadamente das empresas de construção.

[MC] Entre patrocinadores privados e bilheteira chegámos a ter cerca de 50% do orçamento do Festival mas hoje esse valor anda pelos

25/30%, sendo que a receita de bilheteira ronda os 10 a 13%. Também aqui a crise deixou marcas claras...

O orçamento do Festival é divulgado publicamente? Qual é a média do montante anual?

[MC] Sim, claro. O valor confortável para nós, isto é, que nos permite fazer um Festival com o modelo normal (seis concertos em três dias) e com grupos de qualidade, que nos satisfaçam e ponham o Angrajazz no calendário do jazz nacional, anda à volta dos 100/110 mil euros.

[JRP] Chegámos a ter um orçamento que não chegou aos 80 mil, o que já torna as coisas difíceis… Mas o ano passado, em que o Festival celebrou 20 anos e fizemos sete concertos (com duas orquestras, a do HCP e a Darcy James Argue's Secret Society além, claro, da nossa Angrajazz), excepcionalmente conseguimos chegar a um orçamento de cerca de 148 mil euros.

A actividade regular da Associação Angrajazz tem custos de vária natureza, designadamente de manutenção, uma vez que a sua direcção não aufere qualquer tipo de remuneração, trabalhando desde o início do Festival de forma totalmente gratuita. Quem suporta esses custos? As verbas do Festival ou existe qualquer outro tipo de apoio direccionado exclusivamente para a Associação?

[JRP] Os custos são mínimos. Em boa verdade é o preço que se paga para manter activo o *site* da Associação e do Festival, mais os telefones e um computador comprado para a Associação. Estes custos são suportados pelos apoios dirigidos ao festival.

[MC] Nos primeiros quatro anos, a Associação funcionou numa sala do meu atelier *(de arquitectura)* e só depois passou para um pequeno espaço cedido pela CM no Centro Cultural, onde actualmente se realiza o Festival. Mas todo o trabalho, quer para o Festival quer para a Orquestra, sai do núcleo duro da Associação, que é a sua direcção, constituída por quatro elementos *(actualmente José Ribeiro Pinto, Miguel Cunha, Rui Borba e Luís Mendes)*. Não existe pessoal administrativo, não há nenhuma carta, reunião, contacto, etc., que não seja feito por um de nós os quatro.

CRÍTICA & DIVULGAÇÃO: UM DESERTO

Quando nasceu, em 1999, o Angrajazz ainda apanhou o tempo em que o jazz tinha presença assídua nos chamados títulos "de referência" dos media nacionais. Como é que lidam com a paradoxal situação actual em que, no momento em que a cena musical nunca foi tão rica, a divulgação e crítica do jazz desapareceram quase totalmente desses mesmos media?

[MC] O panorama nacional é, de facto, absurdo. Dá a impressão que à medida que o jazz cresceu a massa crítica diminuiu ou desapareceu. A verdade é que, apesar de ser difícil conciliar agendas, hoje temos mais jornalistas estrangeiros, das revistas especializadas *(DownBeat, Jazz Magazine, Jazzthetik)* do que nacionais. Há jornais de referência que apesar de convidados pelo Festival com todas as despesas pagas (viagem, estadia, bilhetes) nem se dignam a responder ao nosso convite…

E quanto aos media regionais?

[JRP] Temos contado com muitas páginas sobre o Festival no *Jornal Diário Insular* e uma colaboração regular da *Antena 1* - Açores. A *RTP/Açores* chegou a gravar e transmitir concertos, de acordo com uma verba devidamente estipulada nos contratos assinados com os músicos, mas deixou de o fazer por falta de orçamento há cerca de dez anos.

[MC] Apesar de acharmos que o preço era irrisório para o retorno obtido pela televisão.

[JRP] Quanto à Antena 1- Açores, que está sempre presente, transmite alguns concertos ou excertos, em directo, após contactar directamente com os próprios músicos e obter a respectiva autorização, e entrevistas com os músicos.

VIAJAR DE PROPÓSITO PARA IR AO FESTIVAL

Nos últimos anos tentaram fazer uma radiografia do Festival em termos de público, através de inquéritos distribuídos diariamente. Já têm resultados?

[MC] Já e são animadores. Por um lado, a percentagem de espectadores não-residentes, nacionais e estrangeiros, tem aumentado, atingindo já valores muito interessantes – 28,74% em 2018, dos quais 13,20% do continente, 8% das ilhas (6, 96% das outras ilhas do arquipélago e 1,04% da Madeira) e 5,87% do estrangeiro. E, por outro lado, também é elevado o número total dos não-residentes que se deslocaram propositadamente para assistir ao Festival: 67,73% contra os 46,38% no ano anterior. Entre os estrangeiros, o maior contingente vem de Espanha.

[JRP] Outro dado positivo é o facto de, nos dois últimos anos, a percentagem de novos espectadores, que nunca tinham ido ao festival, ultrapassar ligeiramente os 20%. Todos estes dados são de 2018, com base em 1326 inquéritos validados.

Estranhamente, nunca aparecem críticos espanhóis…

[MC] Várias vezes convidámos os Cuadernos del Jazz e o MasJazz mas nem resposta temos…

[JRP] Talvez agora, que estabelecemos contactos através da Embaixada de Espanha, as coisas mudem…

A acreditar no que se vê e ouve e tal como sucede com alguns festivais no continente, um dos mais importantes "veículos de publicidade" do Angrajazz são os próprios músicos. Será assim?

[JRP] Absolutamente. Quase todos os dias recebemos cds e propostas, muitas delas de nomes que não conhecemos, apresentando projectos e manifestando o desejo de vir ao festival.

[MC] Além dos músicos portugueses, claro, com os quais há uma natural maior proximidade. Confessamos que é sempre difícil decidir a escolha do grupo português para cada edição. Mais ainda nos últimos anos devido à quantidade e qualidade dos projectos que aparecem regularmente.

Além da Orquestra Angrajazz, que "assina o ponto" desde 2002, o cartaz do Angrajazz tem incluído, desde a primeira edição, músicos portugueses.

[JRP] Aliás, não percebo como é que há ou houve festivais em Portugal que não apresentam nenhum grupo ou projecto nacional…

Uma solução para aliviar esse "engarrafamento" de candidaturas seria a realização dos tais concertos avulsos, com a vantagem adicional de eventuais acções de formação para os músicos locais, alem do simples convívio em palco e fora dele que, no jazz, é absolutamente essencial.

[MC] Mas para isso seriam necessários os tais apoios específicos…

Qual é o vosso balanço final das várias tentativas, explícitas ou implícitas, que o Festival tem feito para criar um público de jazz?

[JRP] É claro que há um grande aumento do público de jazz, não só na Terceira como começa, também, a haver nas outras ilhas. No entanto não se pode esconder que à volta do Angrajazz há, naturalmente, uma

MIGUEL CUNHA E JOSÉ RIBEIRO PINTO

componente social, que em muitos casos subalterniza a música. O Festival é "um evento" que faz parte do calendário…

Lá como cá, é o filme do costume: as toilettes, a "necessidade" de ser visto e ver quem está, quem sabe, até, a oportunidade de ostentar um "passaporte" para a cultura…

[JRP] Mas apesar dessa realidade, queremos acreditar no provérbio: água mole em pedra dura… e de facto sentimos que há um crescimento do público e do gosto pela música.

[MC] E um maior entendimento… as pessoas apreciam o que ouvem de uma forma diferente, começam a saber melhor ao que vão… Os inquéritos que fizemos mostram que, em média, nos três dias do Festival o auditório do Centro Cultural (com capacidade para 534 espectadores) esgota um dia e nos outros dois a taxa de ocupação anda acima dos 90 por cento. Cada edição do Festival mobiliza cerca de 1400/1500 espectadores…

[JRP] Para nós, a maior conquista do Festival é a Orquestra Angrajazz. Hoje ouve-se uma banda filarmónica terceirense e ela toca melhor do que uma filarmónica de S. Jorge, da Graciosa ou de S. Miguel. Porquê? Porque os nossos músicos continuam a pertencer a esta ou àquela filarmónica e funcionam como um desafio, como um estímulo para os outros membros da banda: *o quê? ele toca assim? então eu também quero tocar melhor.*

Não resisto a contar uma história muito curiosa, que mexeu com as pessoas A organização do aniversário (penso que o 25º) da praça de touros de Angra convidou a Orquestra Angrajazz para ser a animadora musical da corrida. E no final ouvimos muitos aficionados dizer que nunca uma orquestra tocou ali tão bem pasodobles como a nossa. *Que som bonito esta orquestra tem*, diziam eles…

Mais um troféu para o currículo da dupla Pedro & Claus…

[MC] Estavam nervosíssimos. Nunca se tinham visto metidos numa coisa assim…

Também eu já não me via metido nestes assados das entrevistas há muito tempo, mas HotNews oblige… Muito obrigado aos dois, com a esperança de que este retrato à la minute dos múltiplos bastidores do Angrajazz (Festival, Associação Cultural e Orquestra) não tenha ficado muito desfocado. Obrigado e até ao Angrajazz 2019, em Outubro!

HOT CLUB DE LYON

Barbara Ribeiro / Jonathan Lecointre

© RENAUD ALOUCHE

O clube de jazz mais antigo de França foi fundado por Raoul Bruckert, Henri Devay e Henri Gautier. Esses três estudantes da faculdade de belas artes em Lyon, chamados de "zazous", eram loucos pelo jazz, mais particularmente pelo bebop de Charlie Parker e Dizzy Gillespie.

A fim de popularizar o jazz em Lyon, que até então estava menos presente do que em Paris, os três amigos decidiram juntar-se à Federação "Hot Club de France", que tinha o objetivo de promover o jazz no territorio francês. Por causa da falta de recursos financeiros, os fundadores não conseguiram pagar a taxa anual à Federação. Henry Devay convenceu então os seus amigos a conquistar a sua independência criando o Hot Club de Lyon. A Associação abriu oficialmente em 1948 com Duke Ellington como Presidente Honorário. Desde a sua criação, artistas de renome internacional passaram no clube, como Duke Ellington, Dizzy Gillespie, Lester Young, Count Basie e Chet Baker, entre outros.

Desde 1981, o Hot Club de Lyon tem como endereço o 26 Rue Lanterne, no centro historico da cidade, considerado património mundial da humanidade pela Unesco. O lugar é acolhedor, autêntico e intimista, e tem capacidade máxima de 90 pessoas sentadas. O clube fica num porão construido em forma de abóbada, com um tecto côncavo que oferece excelente qualidade acústica. De quarta a sábado o clube oferece ao seu público, fiel e numeroso, concertos de jazz de todos os tipos. Seja blues, world music ou jazz moderno, o Hot Club propõe um cenário ideal aos seus músicos. A associação, sem fins lucrativos, responsável pela gestão do clube tem 250 membros, conta com a ajuda de uma centena de voluntários e produz anualmente cerca de 160 concertos, acolhendo no clube à volta de 300 ensaios, 1000 músicos e 16.000 espectadores. O 70° aniversário do Hot Club de Lyon foi marcado por um momento decisivo. Em 19 de dezembro de 2017 foi eleito um novo Conselho de Administração. A missão desta nova equipa é desenvolver projetos ambiciosos para impulsionar e profissionalizar o funcionamento da associação.

O Hot Club de Lyon é mais do que nunca um lugar onde todas as gerações se encontram, reunidas em torno de uma paixão comum: a música. O clube recebe na sua programação tanto os músicos profissionais de passagem por Lyon quanto os artistas no começo das suas carreiras. Presidido por Sami Chidiac, o Hot Club de Lyon é constituído por uma equipa de jovens, todos amantes do jazz, que tem grandes ambições para o desevolvimento do clube.

A nova equipa da associação está a implementar projetos que visam promover o jazz em todas as suas formas. O Hot Club de Lyon desenvolve atualmente ateliês, buscando sensibilizar o público jovem para o jazz e contribuindo para a profissionalização de bandas amadoras. O clube também é um lugar constantemente solicitado para a realização de ensaios e residências, recebendo cerca de 200 formações artísticas por ano durante os horários em que não há concertos.

A fim de democratizar o acesso à sua programação artística, o Hot Club de Lyon mudou a sua política de preços. Além da tarifa reduzida aplicada aos jovens, estudantes e desempregados, implementou uma tarifa especial para estudantes de música de escolas parceiras do clube.

O Hot Club de Lyon é um ponto de encontro para músicos amadores, emergentes e também profissionais. Um clube de jazz que pretende ser intergeracional e federativo, atingindo vários públicos. Um lugar que visa apoiar e contribuir para o desenvolvimento da carreira de artistas amadores e que milita para que o jazz perdure entre as futuras gerações.

O CLUBE RECEBE NA SUA PROGRAMAÇÃO TANTO OS MÚSICOS PROFISSIONAIS DE PASSAGEM POR LYON QUANTO OS ARTISTAS NO COMEÇO DAS SUAS CARREIRAS.

NÚCLEO MUSEOLÓGICO

COLECÇÃO ANTÓNIO RÚBIO

Inês Matos / Luís Dias
ALUNOS DA ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS-BOAS

FOI-NOS ENTREGUE A EXTENSA COLECÇÃO DE CDs DE ANTÓNIO RÚBIO, UMAS 30 CAIXAS (OU MAIS) À PINHA, COM DISCOS DE JAZZ, DOADAS PELA SUA MULHER AO HOT CLUBE (...)

Tudo começou com a apresentação da *masterclass* da Inês Cunha no ano passado onde, entre outras coisas, se falou sobre a criação do museu do jazz e o que precisava de ser feito para atingir esse objetivo.

Foi então que me propus ajudar, na altura em colaboração com o meu colega Bruno Ponte e, este ano, com o Luís Dias.

A Inês Cunha apresentou-nos a Sala Luiz Villas-Boas na escola do Hot, onde se encontra uma vastidão incrível de "tralha" sobre o que aconteceu no jazz em Portugal, desde o princípio.

Foi-nos entregue a extensa colecção de CDs de António Rúbio, umas 30 caixas (ou mais) à pinha, com discos de jazz, doadas pela sua mulher ao Hot Clube, aquando da sua morte.

Quando eu e o Bruno (Ponte) olhámos para aquelas caixas todas, nem sabíamos por onde começar! Então, criámos um ficheiro de listagem onde registámos todos os CDs de jazz pelas suas informações base: álbum, intérprete, duração, ano de edição, editora e número de série.

Este nosso trabalho acontece duas vezes por semana, durante a manhã. Já contamos com mais de 2000 discos registados e 15 caixas finalizadas. É uma altura muito boa para ouvir discos e comentar as capas de álbuns por vezes engraçadas que nos "voam" pela frente.

Esperamos que num futuro próximo este ficheiro esteja disponível para acesso de todos os sócios do Hot numa mediateca onde seja possível uma pesquisa rápida e eficiente de um álbum, artista ou editora.

O Hot Clube de Portugal agradece à Srª D. Maria João Rubio e restante família esta generosa doação.

10 ANOS DE DIRECÇÃO PEDAGÓGICA

Bruno Santos

Assumi a direcção pedagógica no ano lectivo de 2008/2009, depois de 2 anos como aluno (1998-2000) e quase 10 a dar aulas (desde 2000).

Não tenho memória clara sobre sentimentos que se tenham abatido sobre mim com o convite, além da felicidade pela confiança depositada em mim. Sabia apenas que mais cabelos brancos apareceriam. Mas não me lembro de hesitar ou recear, apenas de pensar em meter prego a fundo. Tinha ideias, propostas e vontade de fazer alguma coisa pelo Hot, neste caso pela escola. Muitos anos ligados à casa eram motivação suficiente. E quase uma obrigação, no melhor sentido possível.

Quando assumi o cargo, a escola estava a passar uma fase de menor fulgor, ainda que nos anos anteriores tenha claramente crescido qualitativamente. O Pedro e o João Moreira trouxeram um *upgrade* ao nível de ensino, pelo facto de eles próprios serem músicos de altíssima qualidade e conhecedores profundos desta música.

O trabalho era tornar a escola do Hot apetecível. Na mesma altura, fim de 2009, o clube ardeu! Tinha assumido a direcção pedagógica em final de 2008 ou início de 2009 e em Maio entrou a nova direcção liderada pela Inês Cunha e comigo como vice-presidente. Uns meses depois caiu-nos a bomba. O clube foi apanhado num incêndio e fechou portas. Não sabíamos o que aconteceria...

O lado positivo de tudo isto foi concentrarmos energias na escola. Um dos primeiros passos foi pedir aos nossos alunos que se oferecessem para passar uns dias por lá a pintar a escola de alto a baixo. Liderados pelo Fernando Santos, que trabalhou cá na escola durante 10 anos, lá fomos. Numa semana as paredes brilhavam. Portas às cores. Tínhamos 90 e poucos alunos no fim do ano de 2009 e era preciso subir a parada.

Assim de repente, não necessariamente por esta ordem, criámos:
— o **atelier de iniciação ao jazz** (para os pequeninos, entre os 9 e 14 anos)
— a **oficina de introdução ao jazz** (para os mais veteranos e a funcionar em regime pós-laboral)
— **big band de alunos** (liderada pelo César Cardoso)
— ***workshops* regulares** ao longo do ano lectivo, com muita gente que por cá passava (Peter Bernstein, Omer Avital, Ed Simon, John Hollenbeck, Joshua Redman, Kurt Rosenwinkel, Dave Holland, John Ellis, Seamus Blake, entre muitos outros)
— **protocolo com a Newpark Music Centre** em Dublin (possibilidade de um aluno do Hot transitar para o 3º ano da licenciatura em Dublin. Um acordo simples de obter em função do reconhecimento do que fazemos por cá. Em Portugal algo do género é quase impensável...)

TINHA IDEIAS, PROPOSTAS E VONTADE DE FAZER ALGUMA COISA PELO HOT, NESTE CASO PELA ESCOLA. MUITOS ANOS LIGADOS À CASA ERAM MOTIVAÇÃO SUFICIENTE. E QUASE UMA OBRIGAÇÃO, NO MELHOR SENTIDO POSSÍVEL.

— ***workshops* de verão** (cursos intensivos de uma semana, com músicos de fora e de dentro)
— ***jam sessions* de alunos** (dinamizadas pelos próprios)
— **concerto por instrumento** (ideia genial da Inês que nos permitiu dar experiência aos nossos alunos, com concertos externos, em troca de material para equipar as nossas salas de aulas)
— **noite de combos** (oportunidade para os ensembles de alunos fazerem pequenas apresentações no clube, antes da jam session, às 4ªs feiras, uma vez por mês)
— **recitais de finalistas** (os alunos que terminam o seu percurso na escola, preparam um pequeno concerto de 25/30 minutos para apresentar no final do ano, também no clube)
— ***open day*** (abrimos as portas da escola, uma vez por ano, para que os interessados e entusiastas possam ouvir música, experimentar instrumentos, fazer perguntas, ouvir os nossos professores e alunos. E com o propósito de atrair novos alunos)
— **"inventámos" salas novas e cubículos de estudo**

Com o foco quase exclusivamente na escola e com esta actividade intensa, demos um sinal de pujança e boa saúde. Em poucos anos duplicámos o número de alunos.

Neste ano lectivo (2018/2019), tivemos um número recorde de inscrições. Superámos os 300 alunos e quase não temos espaço para tanta gente, mas como improvisadores que somos, arranjamos sempre solução!

Uma década. Muita coisa aconteceu e muita estará por acontecer. Como balanço, ou algo do género, a sensação é de que a escola cresceu muito, em muitos aspectos, e temos a sorte de ter gente séria, rigorosa e que gosta do Hot. Isso conta muito. O ambiente é muito saudável. As histórias que ouvimos por aí, sobre ambientes de trabalho... Não sei o que é isso quando penso na escola do HCP. E acho que falo por todos. Sei que falo. E sei do que falo.

Não tenho certezas sobre o(s) passo(s) seguinte(s). Continuo a acreditar que temos um estatuto, não reconhecido oficialmente, privilegiado. Ainda que não nos seja possível entregar certificados ou diplomas, a minha crença é que é bem melhor assim. Já tive experiências "oficiais" e as prioridades invertem-se naturalmente. E os ambientes de trabalho passam a ter cores cinzentas. Tudo mais dúbio e com propósitos menos claros.

Mas por outro lado, não se pode parar. Enquanto se cimenta o que está feito e garantimos que a consistência e rigor se mantêm, há que pensar em novidade. Buscar coisas novas.

Lembro-me por exemplo que uma das minhas preocupações é a qualidade do som das nossas salas, que está drasticamente melhor do que há 10 anos, sem dúvida, mas era necessário uma intervenção de maior calibre. Ainda temos o (velho) problema de não conseguir usar as salas todas em simultâneo. Para isso seria necessário um trabalho profissional e dispendioso, para insonorizar as salas. Idealmente todas. Temos feito melhoramentos mas chegámos a um ponto em que só uma intervenção profissional pode resolver definitivamente o assunto. É um dos aspectos que necessita de *upgrade*. Veremos.

Criar um estúdio de gravação, ou essa possibilidade na sala 8, também seria óptimo. Não só para os nossos alunos mas para os nossos professores e bandas da casa.
Haverá um mecenas nos nossos leitores que tenha muito dinheiro e ainda não tenha pensado em como aplicá-lo? Baptizamos uma das salas, ou várias, com o seu nome.

Tem sido uma experiência forte. Mais dias bons, muito mais, do que maus. O futuro é o dia seguinte. Tem sido sempre assim.

CARTAZES CANDIDATURAS ABERTAS © MARIA BOUZA

MODULAÇÃO MÉTRICA NO JAZZ

Jorge Moniz

JORGE MONIZ ©ANABELA CARREIRA

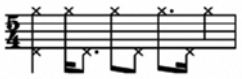
UMA MODULAÇÃO MÉTRICA CONSISTE NUMA TÉCNICA QUE PODE ACRESCENTAR E CRIAR EFEITOS INTERESSANTES DO PONTO DE VISTA RÍTMICO, PODENDO OU NÃO ESTENDER ESSE EFEITO À MELODIA E/OU HARMONIA.

Trago-vos neste artigo um tema sobre o qual me tenho ocupado em variadíssimas situações e que pode constituir-se como um interessante recurso a utilizar. Tomei conhecimento da técnica de modulação métrica nos idos tempos em que fiz a licenciatura em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa, na altura, através de peças de Harrison Birtwistle e Igor Stravinsky (*Symphonies for Wind Instruments*). A partir daí passei a dar mais atenção à sua utilização no jazz.

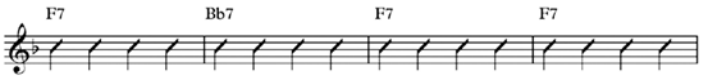
Uma modulação métrica consiste numa técnica que pode acrescentar e criar efeitos interessantes do ponto de vista rítmico, podendo ou não estender esse efeito à melodia e/ou harmonia. Pode também partir de uma iniciativa individual e estender-se a toda a banda, como nos casos que analisarei neste artigo. Pode ser também algo não improvisado, mas premeditado, como no caso da sugestão no início do B do tema *Joy Spring* na versão de Clifford Brown/Max Roach.

Do ponto de vista meramente rítmico, sugiro a audição de alguns dos bateristas com que me identifico e que fazem uso frequente deste recurso como Bill Stewart, Jordi Rossy ou Ari Hoenig, neste último quase que de forma obsessiva. Um dos seus vídeos, *"Variations on Billie's Bounce"* demonstra várias possibilidades de modulação métrica, em sobreposição ao tema tocado na tarola sempre no tempo original.
Para que se perceba de que estamos a falar, importa em primeiro lugar apresentar uma sucinta definição do conceito de modulação métrica, como uma mudança de tempo, ou se preferirmos, pulsação, devendo existir uma relação matemática ou um elemento comum entre o novo tempo e o primeiro, uma espécie de *pivot*.

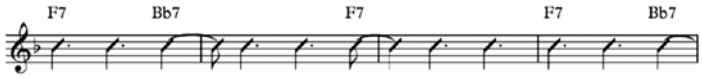
Do ponto de vista de observação de situações concretas retirados de repertório, comecemos por observar um curto exemplo retirado do tema *I Didn't Know What Time It Was*, pelo trio de Brad Mehldau, com Larry Grenadier e Jorge Rossy, que consiste na sobreposição de uma métrica de 4 sobre 5. Aqui, o elemento comum, o tal elemento pivot, uma espécie de mínimo múltiplo comum entre as duas métricas, é a semicolcheia. De forma a compreendermos a relação existente teremos que subdividir o compasso de 5/4 em semicolcheias.
Para cada uma das 5 semínimas no tempo original (aqui no ride), obteremos 5 semicolcheias para cada nova pulsação (nos pratos de choque) o que dá um valor de semínima+semicolcheia:



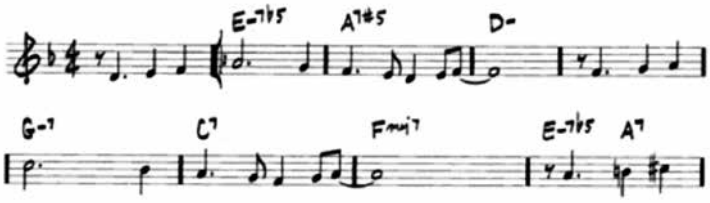
Esta sugestão é neste caso de curta duração e meramente episódica, algo como uma modulação em trânsito mas meramente rítmica, não acarretando quaisquer implicações ao nível da harmonia. Nos casos em que tal aconteça teremos que adaptar o ritmo harmónico à nova pulsação. De modo a perceber estes casos mais complexos, observemos primeiramente um excerto da explicação de Ari Hoenig, no seu livro *Metric Modulations - Contracting and Expanding Time Within Form* (Volume 2). Regra geral, *kicks* no último tempo do compasso ou no seu contratempo obrigam a uma antecipação do acorde respectivo. Tememos como exemplo os 4 primeiros compassos de um blues:



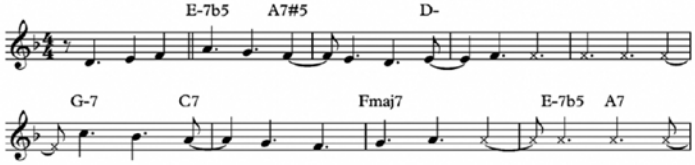
Antecipando o exemplo que apresentarei de Hank Jones, vamos agora criar uma nova unidade métrica à semínima com ponto (o elemento *pivot* será a colcheia):



Podemos observar que alguns acordes surgem antecipados, moldando o ritmo harmónico à nova unidade métrica.
Deixo como sugestão prática para observação do que tenho estado a falar o tema *Beautiful Love* na versão do fabuloso trio de Hank Jones, com Dave Holland e Billly Higgins no disco The Oracle (1989).
Na re-exposição do tema, à segunda vez, precisamente aos 6', o trio sugere uma nova unidade métrica de semínima com ponto, com as inevitáveis consequências ao nível harmónico e que ilustram a explicação de Ari Hoenig que referi atrás. Vejamos primeiro a versão original tal como apresentada no Real Book:



E agora a versão do trio, com uma articulação constante de semínima com ponto a partir de E-7b5 que, considerando apenas os acordes da versão original (acima), se apresenta da seguinte forma:



Este último exemplo é representativo sobre como utilizar esta técnica que pode ser bastante desafiante e que, espero, tenha sido útil e servido para despertar o interesse e vontade de explorar novas possibilidades.

BIG BAND JÚNIOR ABRAÇA SASSETTI

LABEL HCP

João Godinho / Alexandra Ávila Trindade
DIRECÇÃO ARTÍSTICA BIG BAND JÚNIOR

DESIGN GRÁFICO © MARIA BOUZA
FOTO DE CAPA © BERNARDO SASSETTI

Lançar o 3° disco da Big Band Júnior (BBJ) pela label do Hot Clube e dedicado a Bernardo Sassetti é uma grande alegria e mais um marco na história desta orquestra de jovens que conta já com 9 anos de existência.

Em 2018, decorridas 8 edições da BBJ, sentimos que tinha chegado o momento de esta Orquestra-Escola trabalhar sobre um repertório 100% português. E foi uma escolha consensual e natural a de incidir o foco do projeto na música de Bernardo Sassetti, tal como o foi quando decidimos convidá-lo para ser o primeiro músico a colaborar com a BBJ, logo na 2ª edição da orquestra. Com a simpatia que lhe era tão característica, o Bernardo mostrou-se muito interessado e grato quando o convidámos, mas explicou que aquele seria um ano particularmente preenchido profissionalmente para ele e, por esse motivo, teríamos de adiar a colaboração.

Big Band Júnior abraça Sassetti nasceu, portanto, da nossa admiração pelo Bernardo e da nossa vontade de dar a conhecer a sua música, juntamente com o trabalho de outros autores portugueses, aos jovens músicos da BBJ e a todos quantos ouvissem este projeto.

Para este abraço a Sassetti, foi um privilégio poder contar com o talento de três grandes músicos e grandes amigos: a Rita Maria, a Inês Laginha e o Filipe Raposo.

A estreia do projeto, que em abril de 2018 praticamente esgotou a Sala Principal do Teatro São Luiz, surpreendeu-nos a todos, pela elegância da música, pela força dos arranjos, pela magia trazida pelos convidados, mas acima de tudo pela maturidade com que este grupo de jovens músicos agarrou a música de Bernardo Sassetti e dos restantes compositores.

A vontade de registar em disco este momento especial da vida da orquestra nasceu nessa mesma noite. Apesar de ser o 3° disco da BBJ, foi a primeira vez que a grande maioria destes jovens músicos gravou um disco num ambiente profissional e foi para muitos a concretização de um sonho e um passo gigante. Foi surpreendente a sensibilidade artística que revelaram sob a direção musical e mestria do maestro Claus Nymark.

Neste trabalho discográfico podemos ouvir onze temas, seis dos quais da autoria de Bernardo Sassetti. Conta, ainda, com composições de Afonso Pais, Carlos Bica, Inês Laginha e João Godinho, arranjos de Carlos Azevedo, Claus Nymark, Filipe Melo, Filipe Raposo e Rui Teixeira e letras/poemas de Sérgio Godinho, Pedro Esteves, Nazaré da Silva, J. P. Simões e Sophia de Mello Breyner.

Este é um disco de uma orquestra de jazz de jovens músicos de excelência.

O Bernardo teria gostado de ouvir este disco e de saber o quanto nos divertimos e aprendemos nas gravações.

MANUEL, SAXOFONE, 16 ANOS

Bernardo Sassetti é uma inspiração para várias gerações de músicos.
As suas músicas são intemporais.

INÊS, PIANO, 14 ANOS

A originalidade do Bernardo Sassetti é inexplicável, merece tanto ser ouvida!

INÊS, OBOÉ, 16 ANOS

É mesmo importante para nós manter a música do Bernardo Sassetti viva.

FREDERICO, CLARINETE, 15 ANOS

OUTRAS EDIÇÕES DA LABEL HCP

JUST IN TIME, 2014

Paula Oliveira VOZ
António José de Barros Veloso PIANO
Bernardo Moreira (Binau) CONTRABAIXO
Manuel Jorge Veloso BATERIA

MÚSICOS CONVIDADOS
Afonso Pais, Bruno Santos, Claus Nymark, Desidério Lázaro, Diogo Duque, Gonçalo Sousa, Jeffery Davis, João Moreira, Jorge Reis, Luís Cunha, Pedro Moreira e Ricardo Toscano

7TO HOT CLUBE DE PORTUGAL, Vol.2, 2015

Bruno Santos GUITARRA, DIRECÇÃO E COMPOSIÇÃO
Joana Machado VOZ
Ricardo Toscano SAXOFONE ALTO
Pedro Moreira SAXOFONE TENOR
João Moreira TROMPETE
Romeu Tristão BAIXO ELÉCTRICO E CONTRABAIXO
João Pereira BATERIA

BIG BAND JÚNIOR *A LUA PARTIDA AO MEIO*, 2016

DIRECÇÃO MUSICAL Claus Nymark

MÚSICOS CONVIDADOS
Mário Laginha, Maria João, Mário Delgado, João Paulo Esteves da Silva, Gonçalo Marques

ORQUESTRA DE JAZZ DO HOT CLUBE DE PORTUGAL *A DANÇA DOS PÁSSAROS*, 2017

DIRECÇÃO MUSICAL Luís Cunha

Música de António Pinho Vargas com arranjos de Luís Cunha, César Cardoso, Óscar Graça e Tomás Pimentel

DIXIE GANG *UM QUARTO DO SÉCULO*, 2017

João Viana CORNETIM
Claus Nymark TROMBONE
Paulo Gaspar CLARINETE
Gil Gonçalves TUBA
David Rodrigues PIANO
Silas Oliveira BANJO
Rui Alves BATERIA

MÚSICOS CONVIDADOS
Paula Oliveira, Rita Maria e Pedro Viana

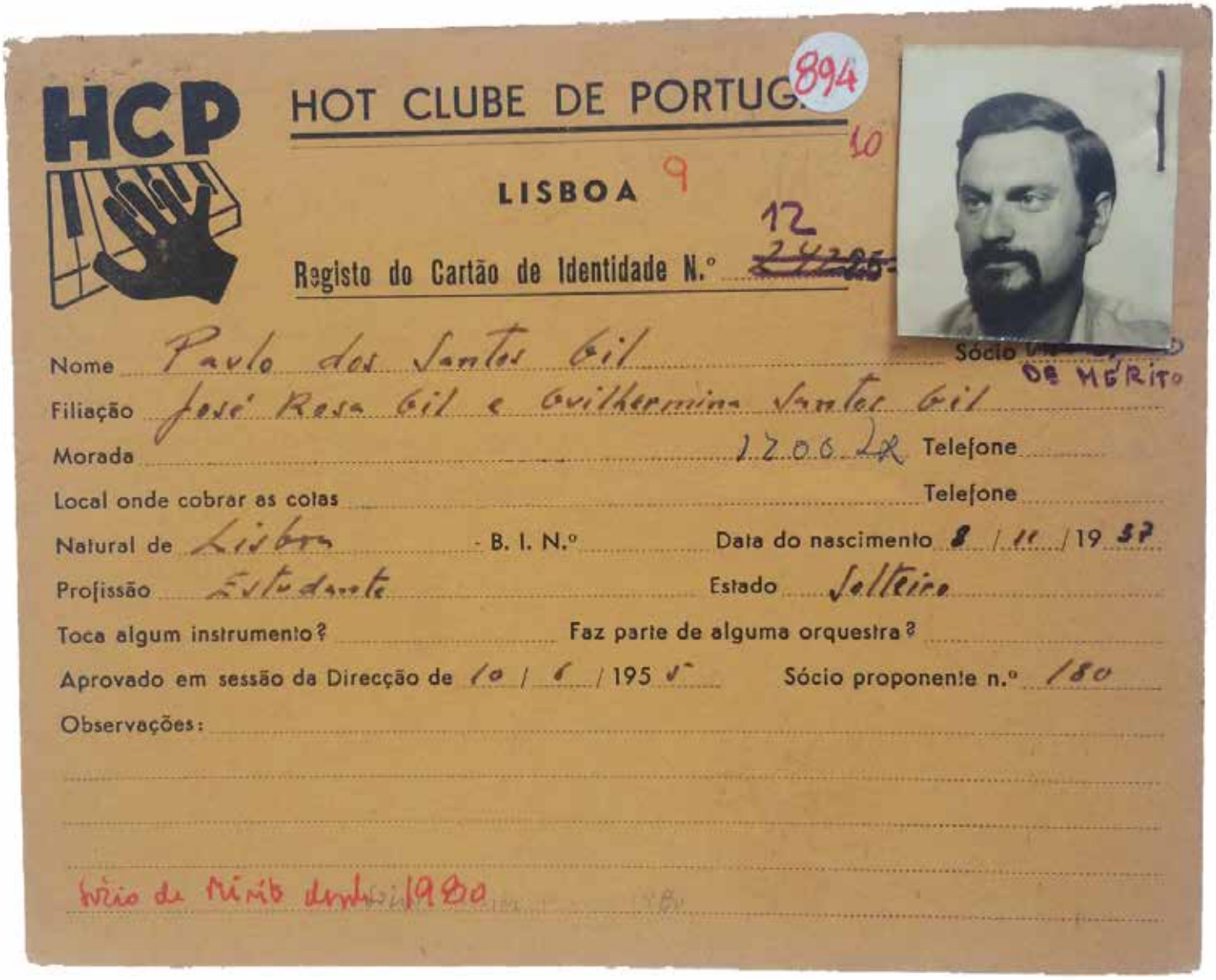
7TO HOT CLUBE DE PORTUGAL, Vol.3, 2018

Bruno Santos GUITARRA, DIRECÇÃO E COMPOSIÇÃO
Joana Machado VOZ
Ricardo Toscano SAXOFONE ALTO
Pedro Moreira SAXOFONE TENOR
João Moreira TROMPETE
Romeu Tristão BAIXO ELÉCTRICO E CONTRABAIXO
João Pereira BATERIA

JORGE REIS *HISTÓRIAS DE JAZZ EM PORTUGAL*, 2018

Jorge Reis SAXOFONES ALTO E SOPRANO
João Paulo Esteves da Silva PIANO
Jeffery Davis VIBRAFONE
João Hasselberg CONTRABAIXO
Luís Candeias BATERIA

BILHETE DE IDENTIDADE



HCP

HOT CLUBE DE PORTUGAL

894

LISBOA

Registo do Cartão de Identidade N.º 12

Nome Paulo dos Santos Gil

Sócio de Mérito

Filiação José Rosa Gil e Guilhermina Santos Gil

Morada 1200 LR Telefone

Local onde cobrar as cotas Telefone

Natural de Lisboa B. I. N.º Data do nascimento 8 / 11 / 1937

Profissão Estudante Estado Solteiro

Toca algum instrumento? Faz parte de alguma orquestra?

Aprovado em sessão da Direcção de 10 / 6 / 1955 Sócio proponente n.º 180

Observações:

Sócio de Mérito desde 1980

Nome **Paulo dos Santos Gil**
Data de nascimento **08.11.1937**
Sócio do Hot desde **10.06.1955**
Sócio de Mérito desde **1980**
Número actual de sócio **3**
Profissão **Produtor e agente**
Instrumento **Bateria**

No Hot Clube, **Paulo Gil** foi fundamental na transição entre o antes e o pós 25 de abril com a entrada de uma nova geração para o clube. antigo baterista, deixou a actividade de músico dedicando-se à de produtor e promotor.
Entre outras coisas, foi o programador original do emblemático SeixalJazz (1996).

HOTNEWS 70

Leonel Santos

Conheci o Hot Clube pouco depois de 1974. O país abria-se e já não era apenas o país dos três efes (Fado, Futebol e Fátima) e o Jazz já não era apenas a música de um punhado de *snobs* e entrava para os ouvidos da juventude. Para a maioria da minha geração o Jazz tinha nascido um pouco antes, pelas mãos de Villas Boas, em 1971, no Cascais Jazz, com Miles, Ornette, Dizzy Gillespie e os Giants, Phil Woods e Dexter Gordon; alguns teriam tomado contacto com o Jazz através dos 5 minutos de Jazz de José Duarte ou um ou outro programa ou apontamento episódico; mas foi apenas com o 25 de Abril que o Hot foi «tomado de assalto» por hordas de jovens para quem o Jazz era a verdadeira música moderna e a música da liberdade e da criatividade.

Centenas de jovens que queriam tocar Jazz, e adoptavam a música que estava de certa forma também associada à revolução (política, social e cultural) que protagonizavam; mas a verdade é que poucos desses músicos voluntariosos, mas pouco preparados, sobreviveram, *et pour cause*. Se no passado tinham sido raros os músicos portugueses capazes de tocar Jazz, e o único contacto dos pretendentes a músicos de Jazz com a música era feito através dos discos que alguns privilegiados traziam do estrangeiro ou dos raros concertos em território nacional, e mesmo depois de 1971 num único evento nacional anual - o Cascais Jazz -, o primeiro embrião de escola de Jazz nasceria apenas no final dessa década, com Zé Eduardo, mas a constituição definitiva da escola tardaria ainda uma década e meia.

Se observarmos o que se passa a nível nacional, a diferença é abissal. Hoje há dezenas de escolas e cursos de Jazz, incluindo superiores, em todo o país, oferecendo conhecimentos e diplomas; hoje há centenas de músicos a tocar todas as correntes de Jazz, hoje há concertos e festivais um pouco por todo o país, jam sessions onde jovens se acotovelam para tocar e um músico de Jazz ganhou o Festival da Canção.

O Hot Club pode ser apresentado como o clube que foi fundado há 70 anos por Luiz Villas-Boas e onde se ouve Jazz, mas dizer isso é quase nada. Ele foi de facto fundado por Villas Boas há 70 anos e nele se ouve Jazz, mas ele é muito mais do que isso: é uma história de 70 anos, mas é também muitas histórias, foi fundado por um indivíduo, mas foi e são muitas pessoas, é uma escola, mas essa escola nasceu de outras escolas e acontecimentos, é a casa do Jazz, é a instituição referência de divulgação do Jazz em Portugal.

Poucos clubes de Jazz em todo o mundo comemoraram setenta anos de História como o Hot Club de Portugal, mas nem tudo nela terá sido épico. Momentos de desânimo atravessando décadas da miséria cultural que era Portugal, desavenças normais num grupo pequeno, fechado pela própria situação política, discussões, rivalidades, divisões, nada terá faltado na História do Hot. Figuras que foram importantes para o Hot terão desaparecido no esquecimento, outras ganharam relevância por um ou outro facto, episódios mudaram a vida de alguns músicos, ou os afastaram do Hot, também.

A Hot News 70 conta (e as imagens e as histórias que as imagens contam) um pouco o seu passado: nela se fala do fundador Luiz Villas-Boas, dos primeiros músicos e dos primeiros divulgadores, de alguns músicos que marcaram o Hot e que desapareceram, como Bernardo Sassetti e Jorge Reis, de algumas sessões históricas, de recordações fugazes, do grande cisma de 1958 que levaria à criação de um outro clube (o Clube Universitário de Jazz), e testemunhos de músicos e divulgadores que, de uma forma ou outra, por algum momento fizeram do Hot Clube a sua casa.

Foi no Hot que muitos jovens se tornaram músicos de Jazz. Mas a forma como eles chegaram ao Jazz foi diferente, é sempre diferente. Muitos traziam consigo alguma bagagem clássica e outros quase nada. Muitos formaram-se quase como autodidactas e outros andaram na escola. O ensino do Jazz e a escola do Hot e as suas histórias também passam pela Hot News 70: o ensino do Jazz aos mais jovens, a aprendizagem do Jazz através das *workshops* - o encontro com o mestre John Abercrombie relatado por Sérgio Pelágio, por exemplo - e a escola de jazz, de gestação prolongada e conturbada, com mais histórias por contar que contadas. O Jazz ensina-se ou aprende-se? – A pergunta é várias vezes feita e mais vezes sugerida: a mais velha discussão do Jazz!, e será curioso também que ela seja retomada pelo director pedagógico da escola do Hot, Bruno Santos. (Eu pergunto: como é possível aprender Jazz num país onde o Jazz é uma música estranha, onde o próprio ensino da música é deficiente?).

Histórias, depoimentos, documentos, os concertos e os discos da vida deste e daquele músico e deste e daquele amante de Jazz, porque é que ele se apaixonou pelo Jazz, um momento que recorda. As histórias apenas coincidem num ponto: na centralidade que o Hot Clube sempre teve no Jazz em Portugal. Tudo gira em torno do Hot desde 1948. Esta evidência seria natural quando não havia mais nada, mas as grandes discórdias tiveram como referência o Hot, as escolas de Jazz nasceram do Hot, o Hot é a sala privilegiada de apresentação de discos de Jazz, foi no Hot que a noite acabou para inúmeros músicos depois dos concertos no CCB ou na Gulbenkian, quando se quer ouvir Jazz vai-se ao Hot; o Hot é a casa do Jazz.

Com muito mais por contar do que foi contado, a Hot News comemorou impudente os 70 anos do Hot Club de Portugal. Confesso que me soube a pouco. Algumas histórias que estão relatadas sugerem outras que não estão contadas, alguns textos mais ensaísticos poderiam ter ido mais longe, mas talvez não fosse a hora e o local. Mas um texto me chamou a atenção, escrito por Romeu Tristão e André Santos, «estávamos à conversa sobre ser músico de jazz», e que será ilustrativo do entusiasmo da nova geração de músicos de Jazz: a proposta de iniciativas várias, tais como concertos/palestras, aproveitamento do espaço do Hot durante o dia para *workshops*, concertos, exibição de filmes e outras acções de divulgação e «desmistificação do Jazz», reuniões com programadores de espaços para incentivar a programação de concertos, parcerias com outras associações de Jazz, *showcases* e outras actividades de promoção e «sensibilização» dos sócios e apaixonados do Jazz.

O HOT TEM 70 ANOS DE PASSADO, E MAIS 70 DE FUTURO, PARA JÁ, EU DIRIA.

OIÇAM LÁ ISTO

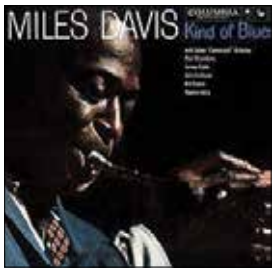
AS ESCOLHAS DE...

António Mega Ferreira

OITO TÍTULOS, TIRADOS, NUM IMPULSO, DA MINHA COLEÇÃO:

WAYNE SHORTER
SPEAK NO EVIL

Uma formação de luxo, com o saxofone de Shorter no seu apogeu: Freddie Hubbard, Herbie Hancock, Ron Carter, Elvin Jones. Gravado na noite de Natal de 1964. *Christmas gift*.



MILES DAVIS
KIND OF BLUE

Tudo o que de bem se podia dizer sobre este disco maravilhoso está dito. Resta ouvi-lo, uma e outra vez. Cannonball Adderley, Coltrane e Bill Evans fazem parte da companhia.

"CANNONBALL" ADDERLEY
SOMETHIN' ELSE

O meu preferido, o que ouço regularmente, o que me acompanha para toda a parte. Porquê? Pelo trompete de Miles? Pelo piano de Hank Jones? Pelo saxofone de "Cannonball"? Acho que por causa do uníssono de talento e de intenção. Uma obra perfeita, ou, pelo menos, uma certa ideia de perfeição.

CHET BAKER
MY FUNNY VALENTINE

Nele, o instrumento era uma extensão da voz – e vice-versa. Como misteriosamente acontece sempre com Chet Baker, um encantamento.

JOHN COLTRANE
STANDARDS

Mesmo ao lado, na estante, estava *A Love Supreme*. Hesitei. Mas, de facto, quando quero ouvir o saxofone de Coltrane na sua incrível luminosidade, é a este *Standards* que recorro, longe das elucubrações labirínticas (embora arrebatadoras) daquele que é considerado o seu *opus magnum*.

PEGGY LEE
SUGAR 'N' SPICE

De entre uma meia dúzia de títulos da maravilhosa Peggy Lee, este, que dá livre curso (com orquestra) à sua voz envolvente e discretamente sofrida.

THELONIUS MONK
(da série *THIS IS JAZZ*)

Um dos maiores pianistas de jazz, em diversas formações e momentos, de 1963 a 1968. Mas o que avulta sempre é a "voz" inconfundível transmitida ao piano e pelo piano.

BILL EVANS TRIO
MY FOOLISH HEART
live in Buenos Aires "1975"

Outro dos muito grandes do piano, aqui gravado ao vivo em Buenos Aires, em 1973. Brilhantemente secundado pelo contrabaixo de Eddie Gomez e pela percussão de Marty Morell, o tema de abertura (*Beautiful Love*) é um compêndio da visão poética e da arte pianística de Evans.

POST-IT

MEMÓRIAS DO HCP

Bernardo Martins Moreira

Por vezes a língua portuguesa é muito traiçoeira

Crise académica de Maio de 1969, faz agora 50 anos. Vinicius, Chico e Nara em Coimbra. Teatro Avenida esgotado, cheio de jovens estudantes.

É Chico Buarque que conta numa entrevista relativamente recente à TV brasileira: " Vinicius, depois de um primeiro tema de apresentação, dirige-se aos jovens contando o que sente por estar no seio de uma das mais velhas universidades da Europa e termina afirmando a alegria e o prazer de estar no meio da… "mocidade portuguesa".

Foi um frio na sala.

Eu sei porque estava lá.

@Formidável / Câmara Municipal de Coimbra

1

HOT CLUBE

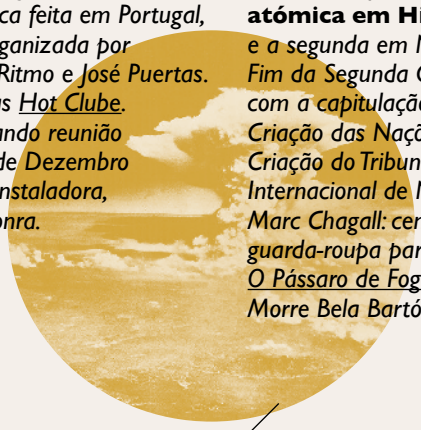
JAZZ

MUNDO

1945

*Parker/Gillespie gravam Groovin´High e Billie's Bounce. **Miles Davis** chega a Nova Iorque para estudar na Juilliard School. Morre Jerome Kern. Nasce Tony Williams. Lester Young deixa o exército. O Bop é Rei na Rua 52. June Christy é a voz de Stan Kenton.*

A Emissora Nacional emite o 1.º programa de jazz Hot Clube no Programa da Manhã de Artur Agostinho com texto e seleção musical de Luiz Villas-Boas, no estúdio com os Excêntricos do Ritmo, com José Puertas e Luís Sangareau. 1.ª jam session pública feita em Portugal, no Instituto Superior Técnico, organizada por Luiz Villas-Boas com os Excêntricos do Ritmo e José Puertas. Emissão dos 2.º e 3º programas Hot Clube. Envio de carta circular convocando reunião de interessados para o dia 30 de Dezembro para eleição das Comissões Instaladora, Organizadora e de Honra.



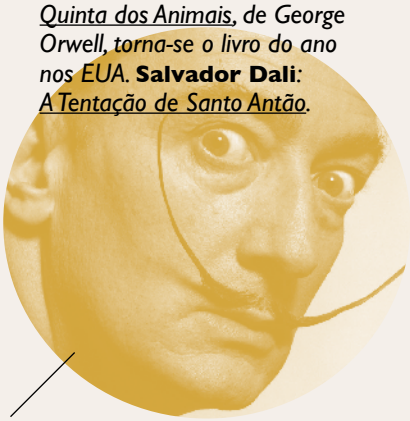
*Rendição da Alemanha Nazi. Termina a Segunda Guerra Mundial na Europa. Lançadas a primeira **bomba atómica em Hiroshima** e a segunda em Nagasaki. Fim da Segunda Guerra Mundial com a capitulação do Japão. Criação das Nações Unidas. Criação do Tribunal Militar Internacional de Nuremberga. Marc Chagall: cenários e guarda-roupa para o bailado O Pássaro de Fogo, de Stravinsky. Morre Bela Bartók.*

1946

Duke Ellington estreia Deep South Suite no Carnegie Hall. No Town Hall, Billie Holiday faz o seu 1.º concerto a solo. Woody Herman apresenta no Carnegie Hall Ebony Concerto de Igor Stravinsky. Charlie Parker é internado no Camarillo Mental State Hospital em Los Angeles. Lennie Tristano grava Out in a Limb. Morre Mammie Smith. Gil Evans fixa-se em Nova Iorque e integra a orquestra de Claude Thornhill. Gravações para a Clef do trio Lester Young, Nat King Cole e Buddy Rich.

*Comissões Instaladora, Organizadora e de Honra em funções. São presididas por **Luiz Villas-Boas**. Emitido o programa Hot Clube agora no Rádio Clube Português.*

*Sentença final do Tribunal Internacional de Nuremberga sobre os crimes da Alemanha Nazi. Guerra da Indochina. O Supremo Tribunal dos EUA declara ilegal a segregação racial nas viagens de autocarro inter-estados. Nasce Gianni Versace. Quinta dos Animais, de George Orwell, torna-se o livro do ano nos EUA. **Salvador Dali**: A Tentação de Santo Antão.*



1947

*Charlie Parker grava Relaxin' at Camarillo e, já em Nova Iorque, monta o 5to com Miles Davis e Max Roach. **Billie Holiday** é detida por posse e consumo de heroína, julgada e condenada a 1 ano de prisão. Morre Jimmie Lunceford. Nasce Miroslav Vitous. Duke Ellington no Carnegie Hall com Liberian Suite. O Second Herd de Woody Herman grava Four Brothers (os seus saxofonistas). Primeiras gravações de Thelonious Monk em nome próprio. Louis Armstrong cria o seu All Stars, com Jack Teagarden, Barney Bigard e Sidney Catlett.*

Entregue no Governo Civil o requerimento com os Estatutos do Hot Clube.

A ONU recomenda a divisão da Palestina em Estado judaico e Estado árabe, com Jerusalém administrada pela ONU. Israel aceita. Os palestinianos recusam. Independência da Índia. Início da Guerra Fria. Marc Chagall: O Violinista Azul. André Gide ganha o Prémio Nobel da Literatura. Publicação de O Diário de Anne Frank. Albert Camus: A Peste.

HOT CLUBE

1948

JAZZ

Billie Holiday sai da prisão. Abre em Nova Iorque o clube Royal Roost, agora o centro do jazz moderno (tem a alcunha de Metropolitan Bopera House). Miles Davis estreia o seu noneto no Royal Roost com Count Basie. Coleman Hawkins grava Picasso, solo de saxofone tenor. Earl Hines junta-se ao All Stars de Louis Armstrong. Concerto histórico da Big Band de **Dizzy Gillespie** *em Paris (Salle Pleyel). Primeiro grande festival internacional de jazz, em Nice, organizado pelo Hot Club de France.*

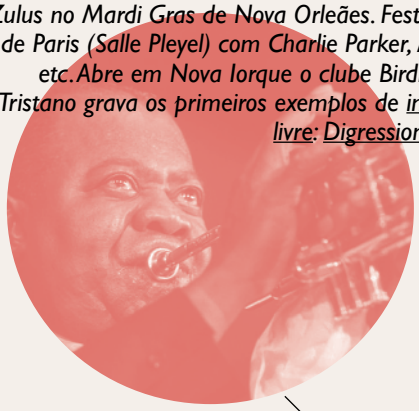
Famosa jam session no Café Chave d'Ouro no Rossio (Lisboa). Começa a admissão de sócios no Hot Clube. Luiz Villas-Boas assina a ficha n.º1. Don Byas em Lisboa para dar concerto. À espera da aprovação dos estatutos, o Hot suspende a admissão de sócios e o pagamento de quotas.

MUNDO

A ONU aprova a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Declaração de independência de Israel. Assassinato de Mahatma Ghandi. Consagração do apartheid na África do Sul. Hollywood estreia A Song is Born (112 min.) de Howard Hawks. A Columbia lança o 1.º LP. Orson Wells: A Dama de Xangai. Vittorio de Sica: Ladrões de Bicicletas. **Almada Negreiros**: *Painéis da Gare Marítima da Rocha Conde d'Óbidos. Morte de Serge Eisenstein e Antonin Artaud.*

1949

Miles Davis grava a 1ª sessão de Birth of the Cool. George Shearing monta o seu 5to. **Louis Armstrong** *é capa da revista Time e um mês depois é o Rei dos Zulus no Mardi Gras de Nova Orleães. Festival de Jazz de Paris (Salle Pleyel) com Charlie Parker, Miles Davis, etc. Abre em Nova Iorque o clube Birdland. Lennie Tristano grava os primeiros exemplos de improvisação livre: Digression e Intuition.*



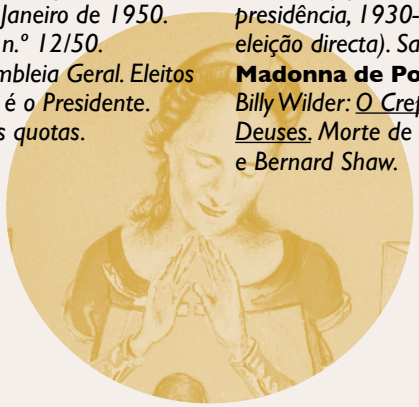
Fundação da OTAN. Criação da República Federal da Alemanha. **Mao Tsé-Tung** *proclama a República Popular da China. O Papa Pio XII declara a excomunhão dos católicos que "professem", "defendam" ou "propaguem" "a doutrina materialista e anticristã do comunismo" (Decreto contra o Comunismo). Hollywood estreia Young Man With a Horn (112 min.) de Michael Curtis, a vida de Bix Beiderbecke. William Faulkner: Prémio Nobel da Literatura. George Orwell: 1984. António José Saraiva: História da Literatura Portuguesa.*

1950

Charlie Parker *grava With Strings. Morre Fats Navarro. Paul Gonsalves junta-se a Duke Ellington. Paul Desmond no 4to de Dave Brubeck.*

Os estatutos do Hot não são aprovados: o Estado não reconhece ao Hot capacidade para intervir na "educação". Novo requerimento apresenta os mesmos estatutos, eliminando as referências à "educação" nos objetivos do Hot. O requerimento está datado de 1 de Janeiro de 1950. O Governo Civil emite o alvará n.º 12/50. Hot Clube com existência legal. 1.ª Assembleia Geral. Eleitos os Corpos Gerentes. Luiz Villas-Boas é o Presidente. É retomado o pagamento das quotas.

Guerra da Coreia. Início do McCarthismo nos EUA. Getúlio Vargas eleito Presidente do Brasil (após 15 anos de presidência, 1930-1945, sem eleição directa). Salvador Dalí pinta **Madonna de Port Ligat.** *Billy Wilder: O Crepúsculo dos Deuses. Morte de George Orwell e Bernard Shaw.*



ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS-BOAS

CANDIDATURAS ABERTAS

ano lectivo

2019 - 2020

ESCOLA DE JAZZ
LUIZ VILLAS-BOAS